

Texto: Henrique Dídimo  
Ilustrações: Paula Rodrigues

Categoria  
**II**

PAI, DE  
ONDE EU VIM?



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Educação

Texto: Henrique Dídimo  
Ilustrações: Paula Rodrigues

PAI, DE  
ONDE EU VIM?



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Educação

Fortaleza • Ceará • 2016

*Profª Ivone*

*L. A. e. C.*

*2017*

Um dia desses, Pedro estava quase dormindo, quando abriu os olhos e perguntou para o seu pai, que também já quase cochilava, balançando sua rede:

— Pai, de onde eu vim?

O pai abriu os olhos, bocejou, pensou um pouco:

— Ora, você é meu filho, não lembra? Pedro, filho de José Pereira e Clara de Campos, seu pai e sua mãe! Disse, olhando para dona Clara, que vinha chegando à porta.






Ela ajeitou o lençol e deu um beijo, de boa noite, no filho. Pedro ficou um tempo quieto, matutando. Depois perguntou:

— Mas e quem era o avô do vovô? E quem era a avó da avó da vovó?





Dona Clara sentou-se na cama, ao lado da rede do filho:

– Sabia que o seu nome é Pedro porque o nome do seu bisavô era Pedro?

– Então quero que o nome do meu bisneto seja Pedro também! Disse o menino, rindo. – Mãe, será que eu vou conhecer o neto do meu neto?

– Tomara! Mas você ainda tem oito anos, isso vai demorar um pouco, né? A mãe também ria.

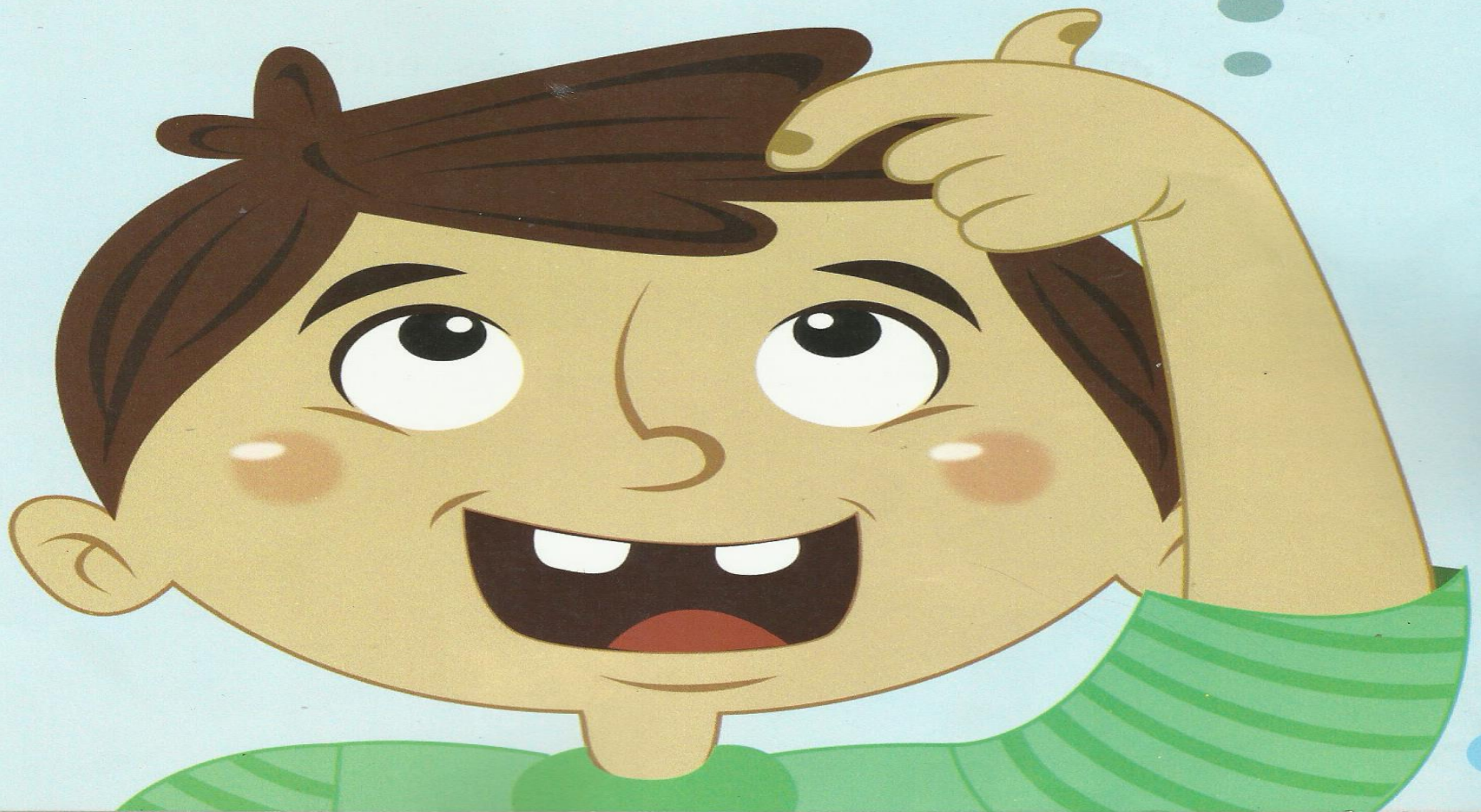
Pedro agora calculava quantas pessoas tinham vindo antes dele:

– Se tenho dois pais e quatro avós, então tive oito bisavós, dezesseis trisavós...

– E trinta e dois tataravós. Finalizou o pai, para não encompridar a conversa, porque se fossem contar todo mundo não ia acabar nunca.

– Agora vamos dormir que já é tarde!

$1+1=2$  pais  
 $2+2=4$  avós  
 $2 \times 4=8$  bisavós  
 $2 \times 8=16$  trisavós  
 $2 \times 16=32$  tataravós





Na semana seguinte, seu José aproveitou o feriado e levou a família para a fazenda de seus pais.

– Agora você vai saber de onde sua família veio. Disse seu José para o filho. – Vamos visitar o vovô e a vovó! Eles vão gostar de lembrar dos mais velhos. E você vai gostar de conhecer o sertão.



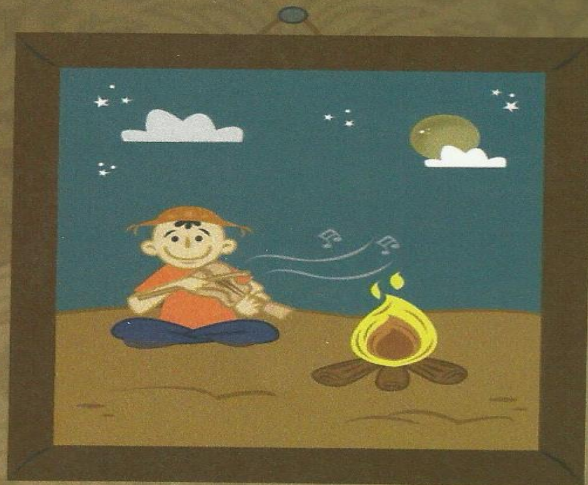


Quando chegaram à fazenda do avô Lourival, as tias cercaram Pedro com exclamações:

– Como ele cresceu! Tá ficando a cara do tio Hermógenes! Até o jeito de piscar o olho quando fica com vergonha!

Mas Pedro gostava mesmo era de seus avós e correu casa adentro, para um abraço cheio de saudade. Na sala da casa, havia várias fotos antigas, e o vô Lourival falava de cada uma delas:





— Este é o meu pai, nascido aqui nesse sertão. Naquela época, não tinha nem luz elétrica aqui. Mas, nas noites de lua cheia, ele tocava rabeça nas festas de reisado. Já, sua bisavó foi a primeira a montar uma escola nesse lugar; ela sabia ler e ensinava as crianças embaixo de um cajueiro. Até que construíram as primeiras salas de aula. Por isso, o nome dela ficou até hoje: Escola Diná Pereira.



A avó abriu um velho álbum de fotos, mostrando imagens de outra época, um tempo em que seu pai era criança igual a ele.

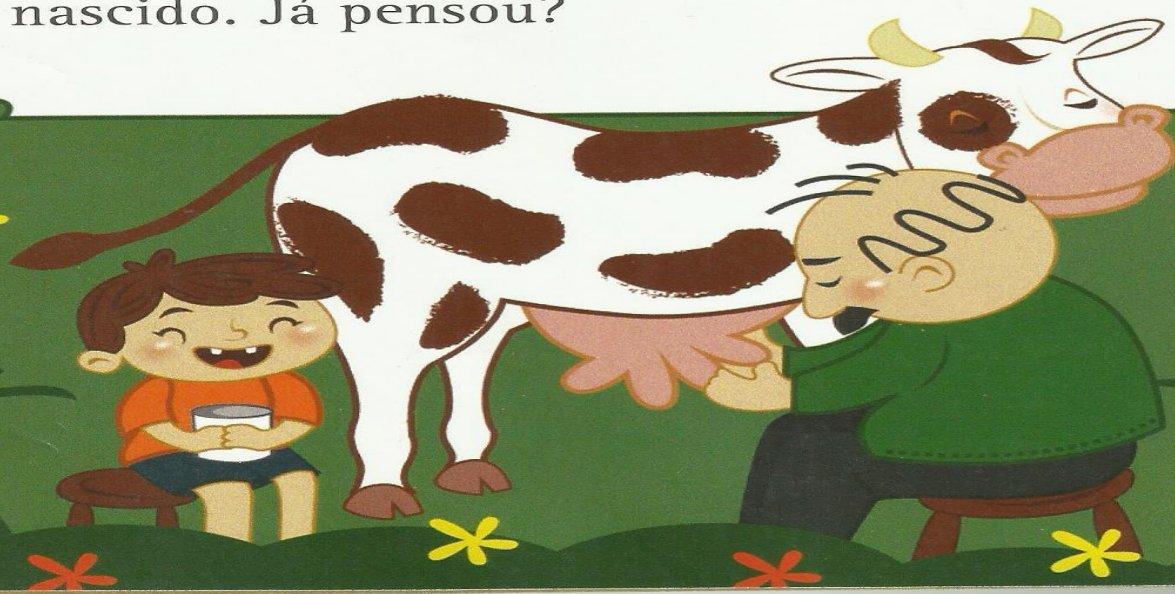
- Este é você, pai? Tão pequeno!
- Todo mundo nasce pequeno, filho!

Nessa noite, Pedro sonhou que ele, seus pais e até seus avós tinham todos a mesma idade. Eram todos meninos de oito anos e brincavam juntos numa noite de lua. O bisavô Pedro também estava no sonho: era um menino esperto que tocava sua rabeca. E a bisavó Diná escrevia tudo, embaixo do cajueiro.



Na fazenda do vô Lourival, todos dormem cedo e acordam cedo. Pedro acordou com os primeiros raios de sol, para acompanhar seu avô na ordenha da vaca. Depois de beber o leite “mugido”, foram para a cozinha, onde a vó Odília já preparava umas tapiocas com queijo. Vô Lourival gostava de contar as velhas histórias de família para Pedro:

– Na época que minha mãe nasceu, era comum as pessoas terem muitos filhos. A mãe dela teve vinte filhos e ela foi a última a nascer. Se eles tivessem tido “apenas” dezenove filhos, ela nem teria nascido, nem eu, nem seu pai, nem você teria nascido. Já pensou?





Dona Odília completou:  
– Já a minha avó era índia legítima, mas veio morar na vila e acabou conhecendo meu avô. Você também tem um pouco de sangue indígena, sabia?



Pedro ficou ainda mais curioso e queria saber tudo sobre seus antepassados:

– E antes, vó, antes dos tataravós? Quem era nossa família?

Dona Odília não sabia os nomes dos mais antigos, mas conhecia algumas histórias de família.

– Eu sei que nossa família Pereira veio do Cariri e também que os antigos Soares vieram do vale do Acaraú. Não sei dos detalhes, mas os nossos sobrenomes guardam muito da nossa história!





Seu José acompanhava a conversa, enquanto tomava o café:

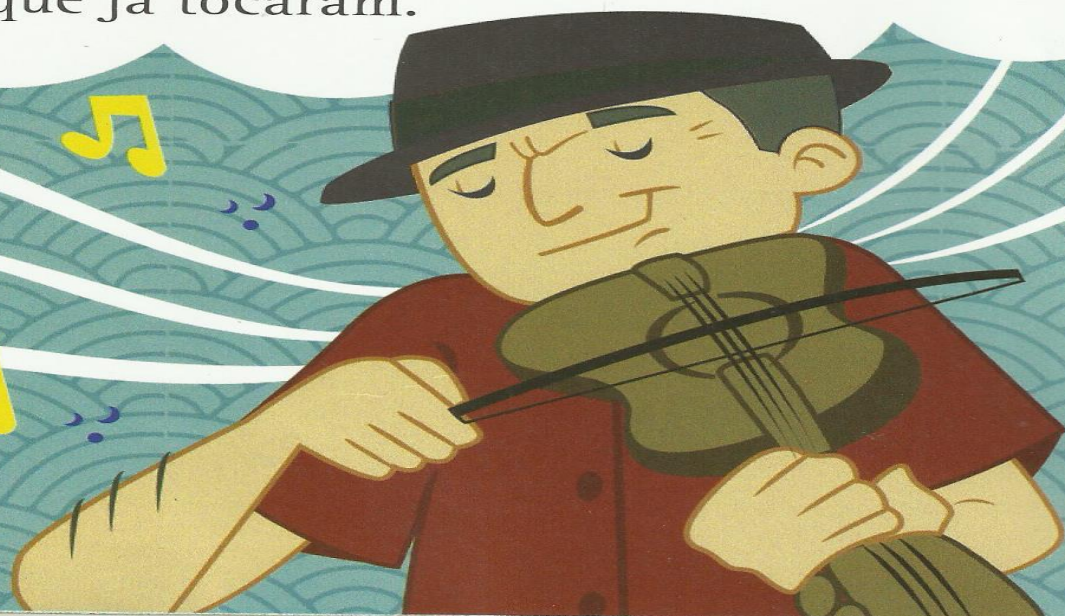
— É, filho, quando eu fui procurar a origem dos nossos sobrenomes, descobri que alguns parentes vieram de Portugal, na época da Colonização do Brasil. E se a gente for procurar mais, você vai ver que também temos antepassados indígenas, africanos, holandeses, árabes, até judeus! Mas aí já tem que ir para os livros de história para conhecer melhor.

Pedro achava fascinantes todas aquelas histórias sobre seus antepassados:

– É como se eu já tivesse vivido várias vidas, é como se eu fosse todos eles!

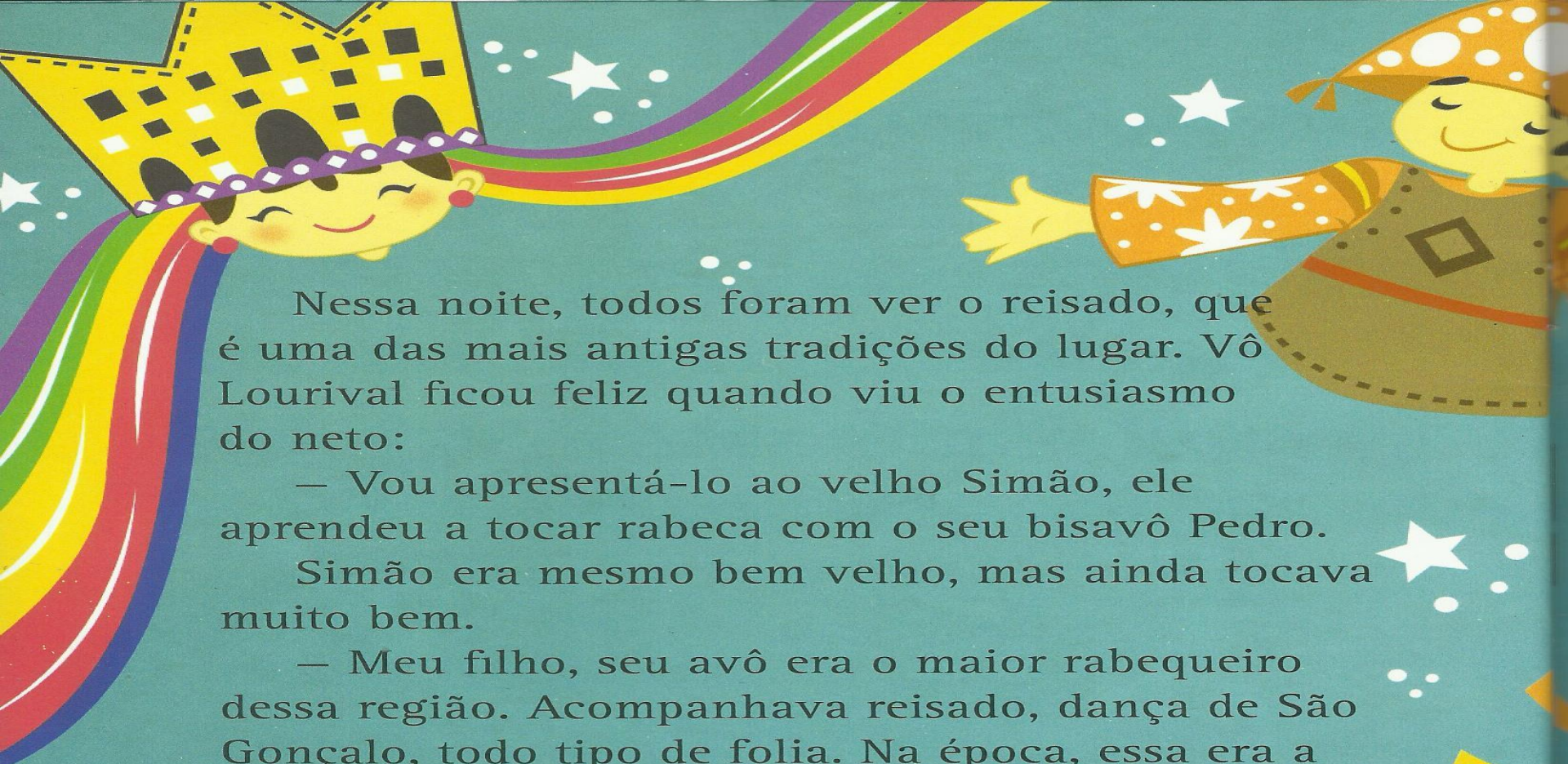
Vô Lourival também pensava assim:

– É isso mesmo! A gente pode até não saber a história de cada um dos nossos parentes antigos, mas muitos costumes e tradições que mantemos, até hoje, vêm deles. Por exemplo, seu bisavô Pedro tocava rabeca, mas não foi o primeiro na família. Outros parentes mais antigos também tocavam. Então, é uma tradição de família. Quando um toca, é como se relembresse os outros que já tocaram.





— O meu nome José também é uma tradição de família. Lembrou o pai. — Tudo começou com uma homenagem a São José, o santo padroeiro desse lugar. No sertão, o dia de São José é muito importante, porque é quando vem a chuva. Por isso, tem tanto José na nossa família!

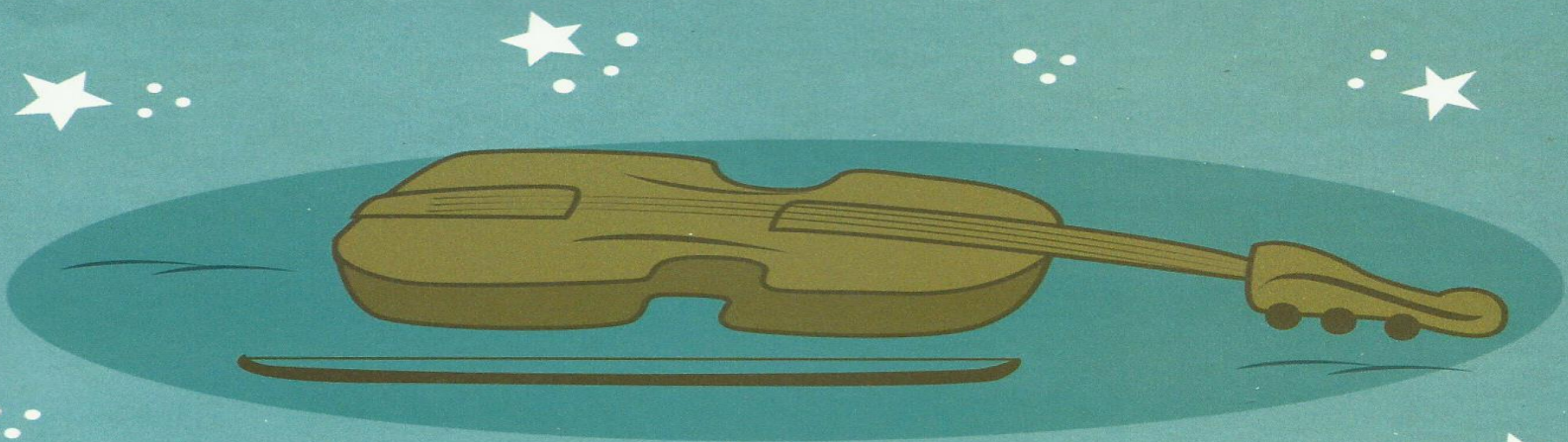


Nessa noite, todos foram ver o reisado, que é uma das mais antigas tradições do lugar. Vô Lourival ficou feliz quando viu o entusiasmo do neto:

– Vou apresentá-lo ao velho Simão, ele aprendeu a tocar rabeça com o seu bisavô Pedro.

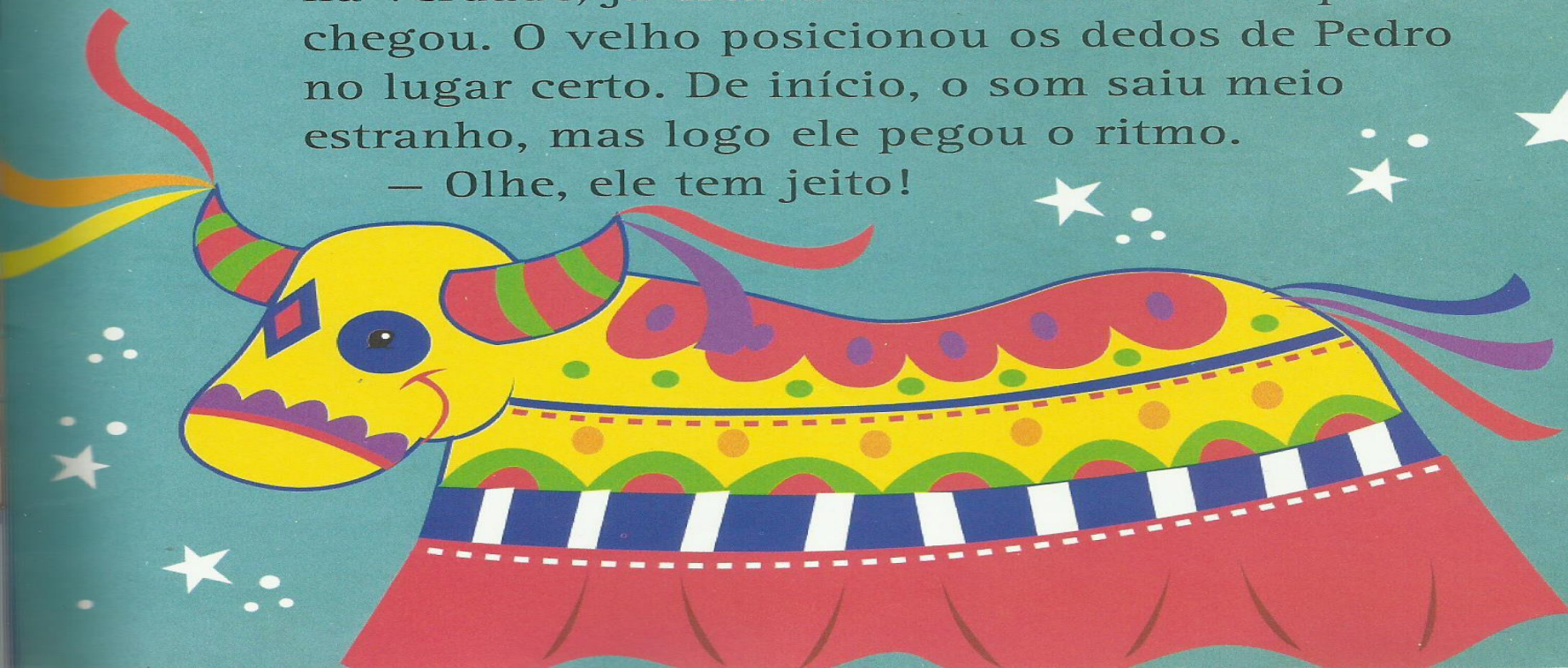
Simão era mesmo bem velho, mas ainda tocava muito bem.

– Meu filho, seu avô era o maior rabequeiro dessa região. Acompanhava reisado, dança de São Gonçalo, todo tipo de folia. Na época, essa era a nossa brincadeira, a cultura do nosso lugar.



O velho mostrou como se pegava o instrumento, como se apoiava o queixo na rabeça. Pedro não teve muita dificuldade, na verdade, já estava observando desde que chegou. O velho posicionou os dedos de Pedro no lugar certo. De início, o som saiu meio estranho, mas logo ele pegou o ritmo.

– Olhe, ele tem jeito!



Antes de voltarem para casa, Pedro ganhou uma rabequinha de presente, que o velho Simão fez questão de entregar a ele.

– Gostei muito de conhecer você, filho, me fez lembrar seu bisavô e meu tempo de juventude!

Pedro também tinha gostado muito de conhecer tanto sobre sua história.

– Em breve, aparecemos na casa de vocês, aí conversaremos mais! Lembrou a avó Odília.







Pedro deu um longo abraço em seus avós e voltou para casa muito feliz com seus novos conhecimentos. Agora, estava disposto a aprender a tocar a rabequinha, que, dali por diante, seria um elo com seu bisavô e seus antepassados mais remotos!